



Zodíaco: o confronto de realidade e ficção no cinema¹

Larissa Ludiana Freitas Marques MAIA²
Paulo Ernesto Saraiva SERPA³
Fanor – Faculdades Nordeste, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo o filme *Zodíaco*, de 2007, dirigido por David Fincher. O filme é uma leitura ficcional do assassino serial de mesmo nome, que aterrorizou os Estados Unidos no fim dos anos 60, e a fixação de um grupo de jornalistas em investigar o caso. No artigo, o filme foi exposto e analisado sob as teorias do jornalismo, (descritas, por exemplo, por PENA 2006) em três camadas de análise: primeiro o filme, como produto midiático, seguido pela história contada no filme, a história independente do filme, os fatos e como foram divulgados excluindo-se a película. Por último, os próprios personagens são passíveis de análise, até pelo fato de parte da história ser contada numa redação de jornal. O objetivo final é compreender as teorias do jornalismo, e quais os seus limites.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; ficção; teorias do jornalismo; comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

O cinema tenta por muitas vezes reproduzir a realidade nas telas. Mesmo as ficções de costumes sociais buscam a identificação dos espectadores através das representações comuns. O documentário, gênero cinematográfico também conhecido pelos termos “não-ficção, filme factual, *Cinéma Vérité*”⁴, mantém uma linha mais próxima do jornalismo. O diretor John Grierson, primeiro a usar o termo, definiu o gênero como “o tratamento criativo da realidade”. Os documentários, procurando mostrar a realidade e os fatos como são, ratificam sua veia jornalística. Sempre que possível usam-se imagens

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. Na Divisão Temática – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FANOR – Faculdades Nordeste, email: larissa.ludiana@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FANOR – Faculdades Nordeste, email: pserpa@fanor.edu.br.

⁴ Termos citados como sinônimos do gênero por Ronald Bergan no livro *...Isms para entender o Cinema*



reais dos acontecimentos tratados no filme, e um ponto marcante são as entrevistas com envolvidos, estudiosos e responsáveis.

Pelo caráter informativo e formato por vezes repetitivo, os documentários não costumam ter grandes bilheterias, nem fazer sucesso pop. É aí que entra uma vertente do gênero: os filmes baseados em fatos reais.

Não possuindo gênero específico, esses filmes se encaixam de acordo com o enredo a ser contado, e também tem a pretensão de retratar a realidade, mas geralmente o objetivo é entreter o público com temas de fácil identificação e empatia.

Baseado no conteúdo assistido no filme *Zodíaco*, este artigo tem por objetivo aplicar as teorias do jornalismo expressas na execução do filme, uma reconstituição da história do assassino do zodíaco, *serial killer* estadunidense nunca capturado.

Essa análise é possível, pois o filme retrata uma história verídica, tendo sido, inclusive, mote para a reabertura do caso na polícia norte-americana.

Desenvolvimento

Zodíaco é um filme policial/suspense, de 2007, dirigido por David Fincher.

Ficha Técnica

País	Estados Unidos
Produção	Ceán Chaffin Brad Fisher Mike Medavoy Arnold Messer James Vanderbilt
Roteiro	James Vanderbilt
Estúdio	Phoenix Pictures Road Rebel
Distribuição Internacional	Warner Bros. Pictures
Lançamento	2 de março de 2007
Orçamento	US\$ 65 milhões
Receita	US\$ 84.785.914
Elenco Principal	Jake Gyllenhaal Mark Ruffalo Robert Downey Jr. Anthony Edwards Brian Cox John Carroll Lynch Chloë Sevigny

Fonte: Wikipedia.org

O filme *Zodíaco* narra a busca ao assassino em série homônimo. Seis vítimas foram confirmadas durante seus ataques, entre 1968 e 1971, e há outras possíveis



vítimas. O caso ganhou fama na mídia quando o assassino – que demonstrava sinais de instabilidade mental – começou a enviar cartas à imprensa, junto com criptogramas, ainda não totalmente decifrados. Depois de anos de buscas infrutíferas, o Departamento de polícia de São Francisco inativou o caso, mas reabriu após março de 2007, possivelmente devido ao sucesso do filme. O caso continua aberto nas outras jurisdições onde ocorreram os assassinatos.

No que se refere à locais, pessoas e datas, o filme é impecável. O diretor buscou nos atores similaridade tanto física, quanto de personalidade com os personagens. A reconstituição da época também teve atenção especial de David Fincher, que viveu na pele a onda de terror que o Zodíaco causou:

“Eu me lembro de chegar em casa dizendo que a patrulha da estrada estava seguindo nosso ônibus escolar por algumas semanas. E o meu pai, que trabalhava em casa, e que estava muito seco, não para atenuar as coisas, virou-se lentamente em sua cadeira e disse: ‘Oh yeah. Há um serial killer que matou quatro ou cinco pessoas, que se chama Zodíaco, que ameaçou tomar um rifle de alta potência e atirar nos pneus de um ônibus escolar e, em seguida, atirar nas crianças assim que elas saíssem do ônibus.’”

A busca em retratar a realidade, o simples expor dos fatos sem interferência do mediador, caracteriza a teoria jornalística do espelho.

“[...] Por essa teoria, o jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais. Seu dever é informar, e informar significa buscar a verdade acima de qualquer outra coisa. Mas para isso, ele precisa entregar-se à objetividade, cujo princípio básico é a separação entre fatos e opiniões.”

A definição da teoria do espelho por Felipe Pena se encaixa nas intenções de David Fincher ao aceitar o projeto. Ele afirmou que seu trabalho iria desmistificar o caso, definindo o que era verdade e o que era ficção. Além disso, ele se uniu ao roteirista para reescrever o roteiro, a partir de entrevistas com todos os envolvidos no caso, jornalistas dos jornais envolvidos, vítimas sobreviventes, testemunhas, investigadores aposentados e atuais, mas sempre tomando os relatórios originais da polícia. Além disso, duas das vítimas sobreviventes, Mike Mageau e Bryan Hartnell foram consultores do filme.



Tudo isso por que acusar uma pessoa postumamente era uma grande responsabilidade para Fincher. E aqui o espelho começa a embaçar. A polícia encerrou o caso por falta de provas, e reabriu a investigação anos depois da morte do suspeito que o filme deixa bem claro ser o assassino. E os créditos iniciais do filme anunciam que o filme é inspirado no livro de Robert Graysmith – jornalista do *San Francisco Chronicle* na época dos assassinatos, interpretado por Jake Gyllenhaal e representado como um fanático descontrolado que arrisca tudo pra descobrir a identidade do Zodíaco.

Outro fator relevante é o objetivo comercial e econômico do projeto. O diretor teve contatos suficientes para produzir um bom documentário, mas é inexperiente no gênero e preferiu fazer uma reconstituição dos fatos, recurso bastante comum no “jornalismo tragédia”, quando dramatiza-se uma possível cena, até descobrir o *modus operandi* mais plausível.

É aí que entra a teoria do *newsmaking*. Felipe Pena afirma que: “O jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade.” E a construção social desse acontecimento está cheia de lembranças desvanecidas com o tempo, e distorcidas pelo pânico e alvoroço causado na época. Então, por mais que o diretor tente trazer para a tela a reconstrução da verdade, isso não é possível, por que, além desses fatores, ainda há a pressão da rentabilidade. Para que o filme arrecade lucros para as distribuidoras, é necessário transformar a história em espetáculo. As pessoas esperam suspense, comédia e sangue. E o diretor dá o que eles querem. A distribuidora pede cortes para deixar o filme mais curto e dinâmico, e assim o diretor o faz. Dos dois lados, o diretor está acorrentado à expectativas e cobranças, e essas exigências podem tirar partes pequenas do filme, ou pode mudar todo o contexto da história contada. A versão de *Zodíaco* lançada no cinema tem 30 minutos a menos do que a versão aprovada e finalizada pelo diretor, por exigência da distribuidora, alegando que a longa duração desinteressaria o público.

O filme é contado da perspectiva dos jornalistas e do departamento de polícia, acompanhando as descobertas de ambos. No âmbito jornalístico, a história foca em Robert Graysmith (Jake Gyllenhaal) e Paul Avery (Robert Downey Jr.), ambos jornalistas do *San Francisco Chronicle*. Graysmith era cartunista do jornal, e começou a se interessar pelo caso do Zodíaco quando a edição do jornal recebeu o primeiro criptograma enviado pelo assassino. Começou a pesquisar freneticamente, e como resultado da sua investigação, escreveu seu primeiro livro. Já Paul Avery era repórter



policial do jornal, e depois de insultar o assassino, passa a ser ameaçado. Paranóico com a perseguição, começa a se drogar e deixa o jornal.

Se analisarmos as teorias jornalísticas dentro da história, percebemos o mesmo padrão avaliado no filme: inicialmente, os jornais se dispõem a publicar as cartas do assassino, por medo de represálias e para informar à população. Teoria do espelho. Quando o caso começa a complicar, e o Zodíaco ameaça atacar ônibus escolares, a imprensa já não quer mais mostrar toda a notícia, caracterizando a teoria do *newsmaking*. Com a suposta intenção de não apavorar os leitores, o jornal passa a vetar trechos das cartas, e não publicar tudo que sabe, criando uma nova perspectiva. A teoria do *Gatekeeper* aqui fica por conta da polícia, que apesar de trabalhar unindo forças com a mídia, receia em liberar detalhes do caso que poderiam ser interessantes à população. Nesse meio tempo, ninguém parava para analisar que o assassino brincava com a imprensa e com a polícia, num jogo que parecia requerer mais atenção do que sangue, já que ele mandou cartas para jornais, jornalistas e investigadores, pelo menos sete anos após o último assassinato confirmado. No fim, o maior *Gatekeeper* foi mesmo o Zodíaco, que conseguiu fama, imortalidade, livros e filmes sobre ele apenas sabendo quando reter, e quando liberar informação.

“O gatekeeper é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal. [...] O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia. [...] E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista.”⁵

O final de filmes baseados em fatos reais é previsível. Os diretores procuram terminar o filme com cenas de grande impacto visual, ou de muito apelo emotivo. Mas o público ainda não foi inteirado de todos os fatos. Então, eles utilizam-se do epílogo textual. Um texto, geralmente no fundo preto dos créditos finais, conta o que não deu pra mostrar, e o que aconteceu com os personagens envolvidos. Esse recurso é uma regra não-dita, e todo filme com fundo biográfico utiliza-se dele.

⁵ Definição do termo *gatekeeper* por Felipe Pena, no livro *Teoria do Jornalismo*



Conclusão

Através deste artigo busquei colocar as teorias do jornalismo em outra perspectiva, e vê-se que é possível utilizá-las em outras áreas e até em pessoas, desde que o objetivo destes seja distribuir informação. O cinema é um campo muito vasto, e abre espaço para muitas áreas. Analisar o filme *Zodíaco* foi um desafio, por que há duas camadas de análise. A primeira é o próprio filme, o modo como a história é contada, as intenções de diretores, roteiristas e atores. A segunda é a história contada no filme, que nesse caso, foca no jornalismo da época, o que abre espaço pra uma nova avaliação.

Minha surpresa foi notar que podemos utilizar as teorias numa pessoa comum, não-jornalista. Já que não é seu dever e sua ocupação informar, não atentei para o fato de o assassino poder ser associado à teoria do *Gatekeeper*. Mas durante a pesquisa, não encontrei comentários chamando atenção ao fato de que ele cometeu bem poucos assassinatos, e o terror mesmo vinha das cartas que várias pessoas diferentes recebiam. As vezes, com poucas informações, e outras vezes com detalhes sangrentos dos assassinatos. A polícia considera como um crime perfeito, pois durante toda a investigação ele brincou com os investigadores e com as pessoas, sem nunca deixar rastro suficiente para sua captura.

REFERÊNCIAS

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

BERGAN, Ronald. **...ismos para entender o cinema**. 1ª edição. São Paulo: Globo, 2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Zodiac_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Zodiac_(filme)) Acesso em: 02/06/2011

http://pt.wikipedia.org/wiki/Assassino_do_Zod%C3%ADaco Acesso em: 02/06/2011

http://jornalistaquem.blogspot.com/2010/11/seminario-teorias-do-jornalismo-no_08.html Acesso em: 02/06/2011

http://jornalistaquem.blogspot.com/2010/11/seminario-teorias-do-jornalismo-no_10.html Acesso em: 02/06/2011